
O contágio na semiótica brasileira: uma questão semio-historiográfica *

Patricia Veronica Moreira**

Jean Cristtus Portela***

Resumo: Neste trabalho, buscamos entender o conceito de “sensível”, mais especificamente a questão do “contágio”, na semiótica, pela abordagem semio-historiográfica (Santos, 2020), contextualizando, primeiramente, sua emergência. Depois, nos estudos de semioticistas franceses e brasileiros, recuperados por meio dos grupos de especialidades de semiótica – institucionalizados em diferentes universidades do território internacional e brasileiro –, segundo as ideias de Murray (1994, 1998) e de Moreira (2019). Esses grupos de especialidades, compreendidos nos períodos que chamamos de greimasiano e pós-greimasiano, são a recepção da teoria semiótica francesa a partir do discurso fundador encontrado nos trabalhos de A. J. Greimas e a sua continuidade com seus colaboradores, sobretudo nos trabalhos de Fontanille, Landowski e Zilberberg. Aliando os princípios semiótico-historiográficos, definidos por Portela (2018), Koerner (1996, 2014), Swiggers (2009, 2015), Moreira (2019), Santos (2020) e Aurox (2008), ao conceito de “sensível” em sua rede conceitual, investigamos, na recepção brasileira, em que medida o contágio aparece na retórica e/ou na imanência dos trabalhos analisados. Por fim, a partir dessas primeiras reflexões, conseguimos definir provisoriamente o lugar histórico-epistemológico que o sensível (contágio) ocupa na semiótica brasileira, para explorar não apenas as continuidades teórico-metodológicas, mas também as rupturas existentes.

Palavras-Chave: semiótica brasileira; semio-historiografia; sensível; contágio.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.181583> .

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

** Pós-doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa (Capes/Print) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Araraquara, SP, Brasil. E-mail: patricia.moreira@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-9909> .

*** Docente do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, SP, Brasil. E-mail: jean.portela@unesp.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4070-1149> .

Introdução

A semiótica do discurso, preconizada por Algirdas Julien Greimas (1917-1992) e seus colaboradores, passou por mudanças teórico-metodológicas ao longo de sua história, embora tenha mantido em grande parte sua unidade. Para o sociosemiótico Landowski (2004, p. 105), a teoria mudou de uma semiótica de discursos enunciados para uma semiótica de situações e, hoje, toma forma de uma semiótica da experiência sensível. Destacamos que, em um primeiro momento, estudamos a emergência e a permanência do sensível na semiótica greimasiana e pós-greimasiana¹ (Moreira, 2019). Esse horizonte retrospectivo, construído com base na historiografia linguística, explorou como Greimas, o pioneiro da semiótica francesa, e seus seguidores ou “la petite bande de fidèles”, composta por Fontanille, Landowski e Zilberberg, lidaram com o sensível em suas obras, de 1956 a 2006. Esses autores foram escolhidos devido à recepção brasileira da própria teoria (Barros, 2012). Os semióticos, de maneira geral, sabem que a semiótica é seguida por um modificador, ou seja, existem diferentes praticantes da semiótica atualmente, entre as quais destacamos: a semiótica tensiva, a sociosemiótica, a semiótica visual, a semiótica das práticas e das formas de vida. O grupo de especialidades (Murray, 1994, 1998) greimasiano se dispersou, assim como a teoria, mas permanece ativo.

Ademais, é visível que a presente semiótica admite a relação intrínseca entre o sensível e o inteligível, principalmente no que se refere à sua ação metasemiótica. Nessa perspectiva, o sensível alcançou seu lugar inegável e irrevogável na teoria. À vista disso, seguimos para nossa segunda paragem, isto é, pesquisar o sensível na recepção teórica no Brasil, com uma abrangência maior de seus grupos de especialidades ativos atualmente.

Sobre o nosso contexto, em 2012, a semiótica Diana Luz Pessoa de Barros publicou o artigo “A semiótica no Brasil e na América do Sul: direções, papéis e desvios”, em que observamos a inserção da semiótica na América do Sul durante os anos sessenta e setenta, através da leitura da obra fundadora de Algirdas Julien Greimas, *Sémantique Structurale* (1966). Como resultado da primeira viagem de Greimas ao Brasil, em 1973, os pesquisadores brasileiros criaram um caminho duradouro de intercâmbio científico com a comunidade francesa. Segundo Barros (2012), a teoria chegou pela primeira vez à Universidade Estadual de São Paulo/Unesp e à Faculdade de São José do Rio

¹ O termo “pós-greimasiano”, neste trabalho, inclui – inicialmente – os autores Fontanille, Landowski e Zilberberg, por terem trabalhado intensamente de 1992 até os anos 2000. Suas ideias potencialmente inovadoras sobre a semiótica do sensível foram desenvolvidas, em grande parte, ao final do período, que denominamos greimasiano (1956-1991), especialmente nas décadas de 1980 e 1990. Além disso, é perceptível a dispersão temática desses autores após a morte de Greimas e por meio da recepção ocorrida no estado de São Paulo.

Preto, por Ignácio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Alceu Dias Lima e Tiekō Yamaguchi Miyazaki.

No mesmo ano, a revista *Significação* foi criada pelo Centro de Estudos Semióticos, como parte do processo de formação e divulgação dos semioticistas brasileiros e de seus trabalhos. A partir desse momento, a semiótica continuou a crescer no território brasileiro e surgiram diferentes grupos de especialidades, ultrapassando os limites do estado de São Paulo (Barros, 2012, p. 157-158)².

Levando em consideração todos esses pontos anteriores, objetivamos estudar o sensível nos grupos científicos brasileiros de semiótica (GPS, Ges-Usp, SEMIOCE, CPS, SEDI, Actantes, NUPES, entre outros), uma vez que é possível perceber explicitamente a afiliação teórica desses grupos, o que nos guiará, na própria escrita historiográfica da semiótica brasileira, no que diz respeito ao domínio escolhido. Contudo, neste texto, apresentaremos um recorte da pesquisa³ em desenvolvimento, mais especificamente, sobre a introdução da questão do contágio na semiótica brasileira. Primeiramente, debruçar-nos-emos nas questões historiográficas e nos princípios selecionados para este trabalho. Depois, passaremos brevemente para a cartografia do sensível (Moreira, 2019), para então elucidar a recepção teórica do tema analisado.

1. Da historiografia linguística à semio-historiografia⁴

A historiografia linguística (HL) é uma disciplina quase tão nova quanto a semiótica. Nascida nos anos 1970, percebe-se um esforço coletivo (Koerner, 1996; Swiggers, 2013) na busca de uma metodologia coesa e coerente. Os anos 1980 também presenciaram as tentativas conjuntas para estabelecer um programa comum de conduta para o historiógrafo (Altman, 2003; Batista, 2013; Koerner, 1996, 2014; Swiggers, 2009, 2015).

Entende-se que a HL pode ser definida, segundo Koerner (1996 [1993], p. 45), enquanto uma “[...] uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história” (Koerner, 2014b [1994], p.17). Por outro lado, Altman (2009, p. 128) expande a definição em direção ao objeto e ao produto final, isto é, “[...] uma disciplina à vocação científica que tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através

² No entanto, a constituição desses grupos passou por mudanças, por exemplo, o grupo GPS-Unesp (CASA), em Araraquara, é resultante de uma fusão entre o CASA e o GELE em 2014.

³ Embora a pesquisa tenha passado por algumas contingências em 2020, devido à pandemia, buscamos explicitar neste artigo resultados preliminares da pesquisa em andamento no pós-doutorado, na Unesp, sob supervisão do Prof. Dr. Jean Cristtus Portela. Acrescenta-se que este texto é oriundo da apresentação oral, intitulada “O sensível na semiótica brasileira: uma questão retórica ou imanente?”, no XXXV Encontro Nacional da ANPOLL – ENANPOLL - Letras ao norte: Linguagens e Pós-Graduação em chão vermelho, no GT de semiótica.

⁴ O termo “semio-historiografia” surge na tese de doutorado de Flavia Karla Ribeiro Santos (2020), ao estudar a figuratividade na Semiótica, explorando aspectos metodológicos da Semiótica e da HL, na esteira das pesquisas de Portela (2018) e de Moreira (2019).

do tempo”. Swiggers (2009, p. 69), por sua vez, percebe que o principal objeto da HL engloba o “estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas” (Swiggers, 2013, p. 3). Temos, portanto, abordagens complementares: Koerner salientando o fazer do historiógrafo e Altman e Swiggers contemplando o produto final, ou seja, a própria história da linguística.

Baseando-se em alguns princípios, o historiógrafo tem a tarefa de “descrever, interpretar e explicar (segmentos da) história da linguística” (Swiggers, 2009, p. 4, tradução nossa)⁵. Este trabalho busca entender, conseqüentemente, o contágio na semiótica brasileira, dito isso, recorreremos aos seguintes parâmetros de análise: o princípio de *contextualização* e de *imanência*, de Koerner (1996). O primeiro diz respeito ao ‘clima de opinião’ ou ao ‘espírito de época’ que retrata o período em que determinada teoria se desenvolveu, já que primeiro deve-se levar em conta as teorias precedentes àquela em estudo, segundo os aspectos socioeconômicos, políticos e institucionais que influenciam a produção de determinada obra. O segundo trata do quadro geral da teoria investigada, incluindo a terminologia utilizada na obra com o objetivo de que o historiógrafo linguista estabeleça um entendimento da obra em si nos elementos estruturais internos ao texto (compreensão histórica crítica e filológica do texto) (Koerner, 1996).

O problema do termo *influência*, segundo Koerner (2014a [1987], p. 101-102), também está presente nas análises deste texto. O autor sugere alguns procedimentos na averiguação das influências de um autor sobre o outro. São eles: o estudo de materiais biográficos – notadamente os referentes aos anos de formação do autor pesquisado (*background*), que se relaciona, a nosso ver, com o princípio de contextualização –, o estudo cuidadoso e comparativo dos textos publicados e não publicados do autor (*evidência textual*), e o estudo das referências efetivamente por ele utilizadas (*reconhecimento público*).

Também levamos em consideração três parâmetros de análise definidos por Swiggers (2009), sendo eles a *cobertura*, a *perspectiva* e a *profundidade*. O primeiro, estabelecido a partir da documentação, trata do período, do campo geográfico e da temática do objeto. O segundo parâmetro é subdividido em perspectiva *interna* (ideias e práticas linguísticas) e *externa* (contexto das ideias e práticas). Por fim, o terceiro reflete o interesse teórico do historiógrafo e o que o próprio objeto/documentação permite observar (Swiggers, 2009, p. 70). Na organização dos dados, não dispensamos o conceito de “horizontes de retrospectão”, de Auroux (2008), cuja noção de “ato de saber” ou “produção de conhecimento” não é desvinculada de uma temporalidade. O sujeito, quando se encontra em atividade cognitiva, já tem em mãos um conhecimento prévio, e esses conhecimentos anteriores são o horizonte de retrospectão, cuja estrutura

⁵ Trecho original: “Describir, interpretar y explicar (segmentos de) la historia de la linguística”.

para o sujeito não é afetada pela temporalidade, uma vez que eles estão “co-presentes”.

O fazer da história das ideias linguísticas é, portanto, reparar e restaurar o esquecimento das ideias. Segundo Colombat *et al.* (2015, p. 12), percebemos que os saberes são construídos na longa duração na medida em que há uma acumulação de conhecimentos, e, ao mesmo tempo em que se transmite tais conhecimentos, há o esquecimento na memória acumulativa. Entendemos, portanto, que o papel do historiador abarca “produzir a informação sobre o sistema científico que constituem as ciências da linguagem e permitem, portanto, expandir, para os pesquisadores, aquilo que podemos chamar de ‘horizonte de retrospectação’[...]” (Colombat *et al.*, 2015, p. 13, tradução nossa)⁶.

Passando para o entrecruzamento da HL com a semiótica, em 2018, Portela publicou o artigo “História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores”, na revista *Estudos Semióticos*, em que o autor afirma que ser semioticista implica saber que somos ao mesmo tempo historiógrafos, devido ao fazer da teoria. Assim, percebe-se que não apenas a historiografia contribui para o desenvolvimento da semiótica, como o contrário também é verdadeiro, sobretudo ao pensar em uma historiografia que esteja atenta ao caráter discursivo de seus objetos de estudo. Portela sugere, em seu trabalho, semiotizar a historiografia linguística, uma vez que é próprio da disciplina generalizar todos os tipos de discursos, contribuindo, conseqüentemente, para uma metalinguagem historiográfica de cunho semiótico: “a semiótica, assim, não escapará de ser semiotizada” (Portela, 2018, p. 143).

Ao erigir o edifício da semiótica brasileira, mais especificamente, a questão do contágio no campo do sensível, nos trabalhos e na retórica dos semioticistas, observa-se que alguns princípios semio-historiográficos, como a citações tensivas (Moreira, 2019; Moreira; Santos; Portela, no prelo) e a bricolagem historiográfica (Moreira, 2019), podem nos auxiliar na reconstrução sistemática dos dados.

O reconhecimento público (Koerner, 2014a), por meio da referência explícita, oferece um aporte maior para compreender o processo de citação científica em si, potencializando a reivindicação de influência, expondo as correntes de pensamentos entre autores que pesquisam um mesmo objeto ou possuem o mesmo arcabouço teórico/metodológico, revelando, por sua vez, as fontes em comum desses autores ou do grupo de pesquisa e o *zeitgeist* de determinado período em que o conhecimento foi publicado. Neste primeiro

⁶ Trecho original: “[...] produit de l’information sur le système scientifique que constituent les sciences du langage et permet donc d’élargir, chez les chercheurs, ce que l’on peut appeler leur ‘horizon de rétrospection’ [...]”.

momento, é o que buscamos compreender ao analisar a emergência do contágio na semiótica brasileira.

Existem certamente diferentes razões pelas quais os cientistas citam outros pesquisadores (Moreira, 2019; Moreira; Santos; Portela, no prelo); a citação escolhida pode evidenciar uma refutação, observação, revisão, aplicação ou apoio do citante (Aksnes; Langfeldt; Wouters, 2019, p. 4). A prática de citação, ou seja, o par citado-citante, tem como aspecto fundamental a recursividade desencadeada ao longo do processo citacional que, segundo Romancini remete ao fato de que quando um determinado texto cita outro, este pode se referir também a outro(s) texto(s) (Romancini, 2010). Disso, decorre a possibilidade de que o nível micro (a citação) se conecte com o nível macro, isto é, o sistema científico em que a citação está inserida. Claramente, hoje, a discussão se amplia justamente pelas coerções em que o gênero científico está implicado, tanto as instituições quanto os pesquisadores, os periódicos, entre outros elementos, encontram-se submetidos aos critérios do modo de fazer ciência.

No entanto, não podemos nos esquecer de que:

[...] devido ao envolvimento da recursividade, as citações exibem o caráter coletivo das realizações científicas em cada momento no tempo. Na época da revolução científica, Newton expressou esse caráter coletivo da empreitada científica moderna com o seu conhecido aforismo: 'Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes' (Merton 1965). Esses gigantes eram pesquisadores como Galileu, Kepler e Huygens, com quem Newton se comunicava às vezes pessoalmente ou por escrito. (Leyedesdorff, 1998, s/p, tradução nossa)⁷

Para o trabalho semio-historiográfico que busca certas influências, a semiótica tensiva pode contribuir no entendimento da cultura de citação e dos seus valores empregados⁸. Existem três tipos de citação utilizados nos trabalhos acadêmicos atualmente: a citação direta (curta e longa); a citação indireta e a citação de citação. Para nossa hipótese, acrescentamos a prova textual (Koerner, 2014a), que ao ser comprovada no texto demonstra a assimilação de dois enunciados, o que consideramos aqui como citação assimilada. Descartamos a citação de citação, uma vez que sua ocupação textual, pelas normas reconhecidas

⁷ Trecho original: "Because of the recursivity involved, citations exhibit the collective character of scientific achievements at each moment in time. At the time of the scientific revolution, Newton expressed this collective character of the modern scientific enterprise with his well-known aphorism: 'If I have seen further, it is by standing on the shoulders of giants' (Merton 1965). These giants were scholars like Galileo, Kepler, and Huygens, with whom Newton sometimes communicated personally or in writing."

⁸ Iniciamos esta reflexão em 2019 (ver tese de Moreira (2019), Capítulo 1, trecho intitulado "Citações tensivas"). Contudo, em 2020, avançamos o tema, em conjunto (Moreira; Santos; Portela, no prelo), cujo resultado se deu na produção do artigo "A citação em textos científicos: uma análise semio-historiográfica do argumento de influência" (no prelo).

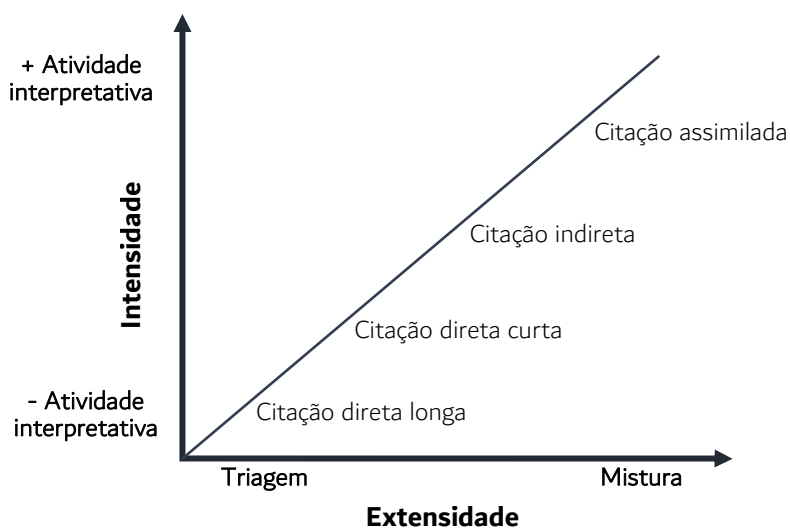
da cultura de citação em trabalhos acadêmicos (ABNT, APA, Vancouver, etc.), ocorre similarmente às citações longas, curtas ou indiretas.

No regime da triagem (Cf. Gráfico 1), temos a citação direta longa, que demanda um recuo textual no texto-citante do texto-citado, mostrando a separação completa de dois enunciados. Na contiguidade, nos deparamos com a citação direta curta, normalmente marcada pelas aspas, gerando uma totalidade entre o texto-citante e o texto-citado, conseqüentemente, iniciando uma aproximação. Em ambos os casos, o reconhecimento público é explícito, uma vez que são disponibilizadas ao enunciatório as seguintes informações: autor, ano e paginação. Além de idêntico ao original, a separação total intensifica o enunciado-outro (o citado/o apreendido) no texto-citante, produzindo um valor “mais” veridictório, transparecendo seu sentido e sua fonte de influência, mesmo que a função no texto seja de refutação, observação, apoio, etc. (Moreira, 2019; Moreira; Santos; Portela, no prelo).

No regime da mistura (Cf. Gráfico 1), a recuperação do reconhecimento público pelo historiógrafo exigirá um estudo mais aprofundado quanto ao levantamento de evidências das fontes utilizadas pelos autores, conscientemente ou inconscientemente, já que na operação de mistura, os enunciados se mesclam ou se encontram em estado de fusão. A mescla ocorre por meio da paráfrase, isto é, a citação indireta. Em alguns casos, encontra-se no texto a fonte completa, facilitando a recuperação da influência e, em outros exemplos, encontramos apenas a referência com o nome do autor e ano, sem paginação, distanciando-se, assim, do texto-citado (original), o que impõe ao enunciatório, se for o caso, a busca por conta própria do trecho exato (Moreira, 2019; Moreira; Santos; Portela, no prelo).

Na citação assimilada, o estado da fusão, cifra-se a extensidade e intensidade máximas dos enunciados do texto-citante e do texto-citado, o que impossibilita, em alguns casos, a recuperação do reconhecimento público, se não for encontrado nenhuma prova textual que confirme a real influência. Essa operação pode ocorrer de forma consciente ou não, já que fatores extralingüísticos – contexto sócio-histórico-político-econômico, *zeitgeist*, formação, etc. – podem interferir no texto-citante (Moreira, 2019; Moreira; Santos; Portela, no prelo):

Gráfico 1: Tipologia das citações tensivas (relação conversa).



Fonte: Moreira; Santos; Portela, no prelo.

Quanto à bricolagem historiográfica, retomamos as ideias de Floch (1995). Segundo o autor, “o pensamento científico, ele também faz bricolagem” (Floch, 1995, p. 5, tradução nossa)⁹ e, além disso, “o bricoleur faz ‘do novo com o velho’” (Floch, 1995, p. 6-7, tradução nossa)¹⁰. Homologando a ideia de que o cientista também faz bricolagem, concordamos com Floch, bricolagem é uma virtude. Nesse sentido, a bricolagem historiográfica permite entender a reformulação conceitual, enquanto prática de reescrita acadêmica no processo de produção do saber. O texto é inacabado, por isso, reescrevemos, reformulamos, republicamos as nossas ideias. Assim, essa primeira bricolagem trata da reescrita de um trabalho como um todo ou quase todo e que tenha sido (re)publicado. Outro tipo de bricolagem seria uma reformulação mais pontual, menos extensa. Neste caso, temos uma *adequação conceitual*, uma subcategoria da bricolagem, pois a mudança ocorre no amadurecimento/desenvolvimento intelectual do autor estudado de um ponto específico – uma ideia, um conceito, um esquema, etc. –, recuperado por meio das provas-textuais encontradas na *imanência* da obra, das *citações* e da *contextualização*, o clima da época (Moreira, 2019). Cabe ao historiógrafo seguir, na medida do possível, esses vestígios deixados pelo autor. Tendo em mente os princípios supracitados, analisamos a seguir o contágio na semiótica.

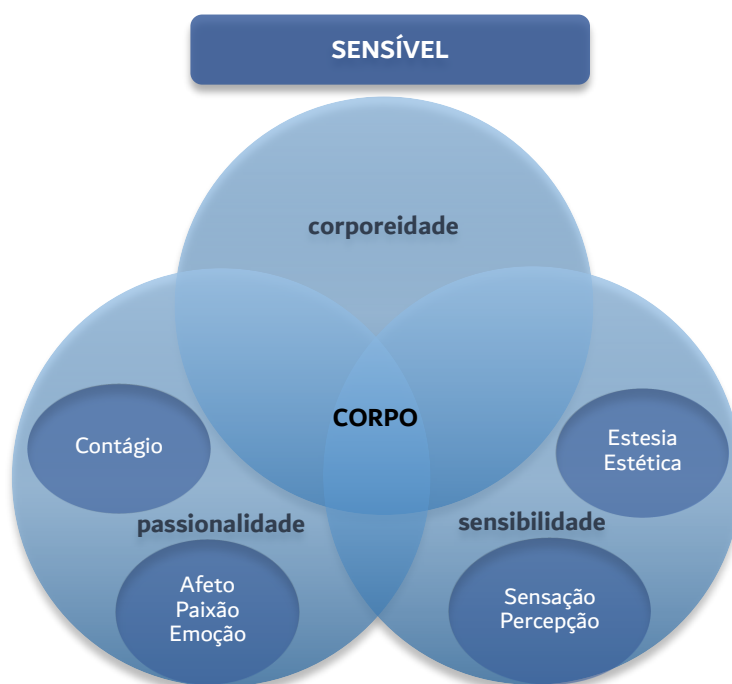
⁹ Trecho original: “la pensée scientifique, elle aussi, bricole”.

¹⁰ Trecho original: “Le bricoleur fait ‘du neuf avec le vieux’”.

2. A questão do contágio na semiótica¹¹

Antes de esboçar a questão do contágio na semiótica greimasiana e a sua recepção nos estudos brasileiros, destacamos alguns dos elementos que constituem a cartografia do sensível¹². O lexema *sensível* aparece como hiperônimo ou termo englobante que estabelece relações com os seguintes domínios: o da sensibilidade, o da corporeidade e o da passionalidade. Dentro dos domínios, aparecem os lexemas que chamamos de termos: *affect* (afeto), *contagion* (contágio), *corps* (corpo), *émotion* (emoção), *esthésie* (estesia), *esthétique* (estética), *passion* (paixão), *perception* (percepção) e *sensation* (sensação). A corporeidade é o domínio do corpo, nosso veículo no mundo (Husserl, 1966, Merleau-Ponty, 1999), que nos possibilita apreendê-lo por meio da sensibilidade e da passionalidade. O domínio da sensibilidade inclui os termos sensação, percepção, estesia e estética. O domínio da passionalidade abarca os termos afeto, paixão, emoção e contágio. Esses três domínios podem ser distribuídos segundo o seguinte esquema:

Figura 1: Os domínios e os termos do sensível.



Fonte: Moreira, 2019, p. 213.

¹¹ Este tópico, em grande medida, parte das reflexões presentes na tese de Moreira (2019), bricolado para cumprir os objetivos deste texto.

¹² Para maiores informações sobre a constituição da cartografia do sensível, cf. Moreira, 2019.

Essa representação hipotética do sensível organiza e sistematiza o campo investigado de nosso interesse. Por uma questão metodológica e de espaço, exploramos apenas o domínio da passionalidade, mais especificamente, o contágio, vislumbrando os empréstimos e redefinições metalinguísticos feitos pela semiótica (Portela, 2012). O contágio, no sentido dicionarizado (*Le Petit Robert*), possui basicamente dois significados. Palavra de origem latina (etimologia de 1375) *contagio*, de raiz *tangere*, no francês *toucher* (tocar). Na primeira definição, significa “transmission d’une maladie à une personne saine, par contact direct avec un malade (*contagion directe*) ou par l’intermédiaire d’un contage (*contagion indirecte*) [transmissão de uma doença a uma pessoa sã por contato direto com um doente (*contágio direto*) ou pelo intermediário de um contágio (*contágio indireto*)]. O segundo sentido atribuído ao termo é uma “transmission involontaire, propagation. *Contagion du rire* [transmissão involuntária, propagação. Contágio do rir]”.

Em termos semióticos, Landowski, no artigo “Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido” (2014), também define o contágio além do sentido de transmissão patológica, que atuaria na lógica da junção. Na sociossemiótica, o contágio funcionaria segundo a lógica da união, como acontece nos casos do riso, do bocejo e do desejo:

[...] ao deixar tão somente transparecer o seu próprio estado hilário, de fastio ou de desejo, um sujeito pode “acender” (como diz Rousseau) o mesmo “fogo” no coração dos que o olham. Sentir o sentir do outro é, em muitos casos, já prová-lo por sua própria conta, como se, por uma espécie de performatividade da co-presença sensível, a percepção das manifestações somáticas de certos estados vividos por outros tenha o poder de nos fazer experimentá-los. O contágio assim entendido como relação entre sensibilidades, intervindo, portanto, no plano estésico, não se confunde com a “imitação” intencional, nem com a “empatia”, situada no plano cognitivo. (Landowski, 2014, p. 18)

Embora o contágio circunscreva o território do sensível comumente associado à sociossemiótica, percebe-se que seu uso remonta desde o final dos anos 1980, mais precisamente, no artigo de Fontanille “Les passions de l’asthme” (1989); depois em *Semiótica das Paixões* (1991), em coautoria com Greimas. Dois anos depois, aparece em outro artigo de Fontanille (1993), “L’émotion et le discours”; em 1996, no artigo de Landowski, “Viagem às nascentes do sentido”, sendo esta a primeira¹³ formulação do autor sobre o tema que será retomado em

¹³ “Foi por ocasião de um simpósio organizado em 1995 por Ignacio Assis Silva, hoje falecido, sobre as condições de uma abordagem semiótica das relações entre *corpo* e *significação*, que introduzimos a ideia de contágio [referência ao texto “Viagem às nascentes do sentido”] como matriz de todo um conjunto de paixões interativas e estésicas. A explicação desta proposição neste volume faz parte da teoria do significado em geral e representa, pelo menos a nosso ver, uma maneira possível de ir além da visão dualista mencionada acima [separação entre o inteligível e o sensível], que permanece ainda hoje muito pregnante no nosso domínio” (Landowski, 2004, p. 10, grifo do autor, tradução nossa). Trecho original:

1998, “Sémiotique gourmande”; depois na obra *Passions sans nom*, em 2004, retomado, finalmente, em *Interactions risquées*, em 2005-2006.

No texto “Les passions de l’asthme”, Fontanille (1989) se apropria de uma doença, a *asma*, que não é contagiosa. Na verdade, ela só é contagiosa pelo componente genético. O autor utiliza a asma para falar das paixões que ela suscita e, conseqüentemente, da forma que o percurso passional da asma assume, podendo, por sua vez, ser contagiosa. Sobre o auto engendramento modal, Fontanille percebe que algo acontece não só com quem tem asma, mas com as pessoas próximas do asmático, sendo assim, surge no horizonte uma sintaxe intermodal contagiosa, pois o asmático não consegue se comunicar bem – ele retém no lugar de exprimir quando se relaciona com objetos e com sujeitos. É possível notar, entre os entrevistados, que a paixão da asma é contagiosa, possivelmente disseminada na interação entre o paciente e as pessoas ao seu redor via dispositivo modal sensibilizado (Fontanille, 1989, p. 28). Acrescenta-se isso ao fato de que não seria uma característica exclusiva da asma, já que ocorreria também no desespero e em outras paixões: “na interação, o desespero de um pode suscitar a autocomiseração, a solicitude ou irritação, possivelmente a indiferença de outro; a satisfação de um origina a felicidade em outro, mas também a inveja ou o ciúme. Uma única constante, sempre: o contágio passional” (Fontanille, 1989, p. 30, tradução nossa)¹⁴.

No artigo “Viagem às nascentes do sentido”, escrito por Landowski, em 1996, temos o primeiro esboço do que seria o contágio no sentido dado pela sociossemiótica. Fazendo uma análise da apreensão de uma obra de arte, de como ir ao encontro do prazer estético, Landowski se questiona se seria possível separar a emergência do sentido do *faire sentir*? O semioticista afirma que, o estético e o estésico não se separam exatamente, sobretudo na obra de arte, exemplificando com as mensagens com que nos deparamos quando visitamos um museu: “Proibido tocar!”. Nessa simples mensagem existe “um claro convite a recordar que, na procura do nosso prazer (ou na do sentido – é quase a mesma coisa), não se pode separar o componente estésico do estético, e vice-versa (Landowski, 1996, p. 38).

Extrapolando sua análise, Landowski salienta que “as manifestações do corpo do outro” nas nossas leituras do dia a dia, da ordem da espontaneidade, suscitam em nós uma presença dos “modos de estar” que podem ser transferidos,

“C’est à l’occasion d’un colloque organisé en 1995 par Ignacio Assis Silva, aujourd’hui disparu, sur les conditions d’une approche sémiotique des relations entre *corps* et *signification* que nous avons introduit l’idée de contagion comme matrice de tout un ensemble de passions interactives et esthésiques. L’explicitation de cette proposition au fil du présent volume s’inscrit dans le cadre de la théorie du sens en général et représente, du moins à nos yeux, une voie possible en vue du dépassement de la vision dualiste évoquée plus haut, qui reste aujourd’hui encore fortement prégnante dans notre domaine.”

¹⁴ Trecho original: “Dans l’interaction, le désespoir de l’un peut susciter l’apitoiement, la sollicitude ou l’irritation, voire l’indifférence de l’autre; la satisfaction de l’un naître chez l’autre la joie, mais aussi l’envie ou la jalousie. Une seule constante, toujours: la contagion passionnelle.”

que podem nos tocar, nos comover (Landowski, 1996, p. 38). Essa transmissão não é um aspecto simples da comunicação, é, segundo Landowski, uma *identificação psicossomática* sem mediação entre sujeito e objeto (espreguiçar, bocejar, etc., por exemplo). Essa ausência da mediação com o objeto-valor é explicitada nas obras do autor em termos de união em vez do regime da junção. Por enquanto, continuamos com a definição dada ao contágio. Landowski prossegue demonstrando a identificação entre dois corpos com o filme de Stan Laurel e Oliver Hardy, onde o riso da sala “é provocado *unicamente* pelo rir, cada vez mais inextinguível” (Landowski, 1996, p. 39, grifo do autor).

O riso permanecerá nas obras ulteriores de Landowski, lembrando que entre os dois sentidos que destacamos no dicionário *Le Petit Robert*, o riso aparece como exemplo do contágio, pois é uma transmissão involuntária, é uma propagação. Assim, certas “perturbações” do nosso cotidiano evocam nossa participação “em graus variáveis”, destaca Landowski, “da própria experiência assim exteriorizada: por ‘simpatia’ [...] por contágio, já que aí a relação intersomática se sobrepõe à intersubjetiva [...]” (Landowski, 1996, p. 39). E mais: “o efeito do contágio não se distingue da apreensão duma significação: nesse gênero de transmissão corpo a corpo, o que imediatamente ‘se sente’ é ‘o sentido’ mesmo. O sentido é sentido”, diz Landowski (1996, p. 39).

Resumidamente, observa-se que Fontanille parte do ponto de vista de uma doença que desperta paixões contagiosas por meio de um dispositivo modal sensibilizado, ressaltando que isso também acontece em outras paixões (o desespero, por exemplo). Por outro lado, Landowski parte da transmissão de uma paixão cotidiana, ou sem nome. No entanto, ele faz uso, em *Passions sans nom* (2004), dos dois sentidos dicionarizados, ao falar novamente do riso e da gripe. Isso reflete, de certa maneira, a dispersão do grupo de especialidades de semiótica. Tratamos mais especificamente desses dois textos, com o intuito de observar a emergência temática do conceito contágio na semiótica e para expandir as leituras atuais que fazemos do mesmo. Ademais, no próximo tópico, destaca-se que o clima de opinião pode ser uma influência mais intensa na dispersão teórica, sobretudo pela recepção.

3.1 A recepção do contágio na semiótica brasileira

A obra *Ensaio semiótico sobre a vergonha*, de Elizabeth Harkot-de-La-Taille¹⁵, publicado em 1999, oriundo de sua tese defendida em 1996, encaixa-se

¹⁵ Membro do Grupo de Estudos Semióticos da FFLCH-USP desde 2002, cadastrado no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq como “Semiótica, modelos teóricos e descritivos”. Associou-se ao grupo um ano depois de sua criação. Hoje, a pesquisadora coordena o grupo em conjunto com os pesquisadores Ivã Carlos Lopes e Waldir Beividas. Informações sobre o grupo de especialidades, disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/224>

dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2945583556024792.

na tipologia de bricolagem historiográfica¹⁶, muito comum no meio acadêmico, em que teses de excelência são reescritas e republicadas em formato de livro, tendo, portanto, um alcance maior de leitores oriundos de outros domínios e esferas. Nesta obra, a autora discute a sintaxe da vergonha, mais especificamente, no quarto capítulo, ela explicita os papéis que podem ser desempenhados pelo sujeito envergonhado, tais como o de vítima, de ofensor, ou de sujeito identificado com uma vítima ou um ofensor, em que se destaca a forma do contágio (Harkot-de-La-Taille, 1999, p. 10). No quinto capítulo, a autora ainda se detém no assunto do contágio, por meio da relação da vergonha com a questão do Bem e do Mal. A circulação da vergonha, neste caso, ocorre por meio do contágio também. De acordo com Harkot-de-La-Taille, quando nos identificamos com o sujeito envergonhado (ou que deveria sentir-se envergonhado), seja por reciprocidade, seja por inclusão (por exemplo, um filho que foi punido ou advertido na escola), dividimos o sentimento com o sujeito envergonhado, graças ao contágio dessa paixão. No caso da vergonha, ainda existe um segundo tipo de contágio, por derivação, quando sentimos vergonha de ter vergonha ou se presenciamos alguém que está no processo de se sentir envergonhado (Harkot-de-La-Taille, 1999, p. 135-136).

Nos exemplos trazidos pela autora no quarto capítulo, elencam-se os tipos de vergonha via contágio: a relação de reciprocidade acontece quando uma personagem da obra de Camus compartilha a vergonha de sua avó que não é letrada. O segundo exemplo também se situa na esfera familiar, sendo identificado como contágio por reciprocidade e inclusão, pois na relação entre pai e filho, este último tem sua conduta questionada e é vista como indigna da família, cujo resultado principal é o contágio que torna a família como um todo indigna (Harkot-de-La-Taille, 1999, p. 157-158). Nos outros exemplos, temos o contágio por derivação, um pelo flagrante de uma mulher que escuta atrás da porta, em que o constrangimento daquele que vê e daquele que é visto decorre da vergonha atribuída ao outro. O último tipo, a personagem ao sentir vergonha de sua situação social, envergonha-se duplamente pela falta de moral em sentir vergonha de algo que deveria ser apreciado (Harkot-de-La-Taille, 1999, p. 158-159).

Em outro momento de sua obra, observamos a circulação da vergonha por meio do contágio, temos, portanto, segundo a autora, dois casos, quando a vergonha é vista/mostrada ou por uma questão de parentesco. Sobre o primeiro, Harkot-de-La-Taille (1999, p. 171) explicita que:

¹⁶ Na apresentação da obra, a autora afirma que: “este texto propõe um estudo da vergonha, sob a perspectiva da semiótica das paixões, área da semiótica discursiva. Resulta de trabalho acadêmico, na forma inicial de Tese de Doutorado 1, defendida junto ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em março de 1996, sob a orientação da Professora Doutora Zilda M. Zapparoli, a quem dedico este livro. *O texto atual apresenta pequenas modificações em relação à sua versão inicial*” (Harkot-de-La-Taille, 1999, p. 9, grifo nosso).

Ver a vergonha alheia, ou mostrar a própria fere um código ligado à reserva, envergonha tanto o já envergonhado como aquele a quem a vergonha é mostrada. Por um lado, evita-se ver o outro em situação constrangedora; por outro, tenta-se esconder esse tipo de situação. Aliás, é típico da melancolia, uma patologia, a capacidade de exibir as próprias mazelas despidoradamente (FREUD, 1973/ 1915 [1917]: 2093). Mostrar é uma forma de confessar, confessar é enunciar.

Em seguida, ela cita o seguinte trecho de Greimas e Fontanille (1993, p. 222)¹⁷:

[...] a confissão implica um enunciatário que vai se ver preso ao simulacro passional: com efeito, enunciando sua paixão, o sujeito põe em circulação um dispositivo modal sensibilizado, com os efeitos de “contágio” que se sabe [...].

Neste caso, temos o contágio por derivação, em que o enunciatário é exposto à vergonha do outro, “capturado” no simulacro passional, sendo tal caso contagioso porque decorre de um dispositivo modal sensibilizado. Sem essa circulação dos dispositivos modais seria impossível a “partilha” passional (Fontanille, 1989). O asmático de Fontanille (1989), encontra nessa circulação a (sim)patia do outro, tornando-se um actante coletivo, pois os sujeitos compartilham a mesma experiência sensível. O envergonhado de Harkot-de-La-Taille ao se deixar ser visto implica seu enunciatário na espiral da sensibilização (Harkot-de-La-Taille, 1999, p. 171; Greimas; Fontanille, 1993, p. 222). Observa-se que a referência, por meio do reconhecimento público da citação direta longa diz respeito ao capítulo sobre os ciúmes de *Semiótica das paixões* (Greimas; Fontanille, 1993 [1991]), o qual foi escrito apenas por Fontanille¹⁸. No entanto, o mesmo capítulo não faz referências diretas ao artigo sobre a asma (Fontanille, 1989), em que a ideia do contágio via dispositivo modal sensibilizado é assimilado em *Semiótica das paixões*.

¹⁷ Trecho original : “l’aveu implique un énonciataire qui va se trouver pris dans le simulacre passionnel: en effet, en énonçant sa passion, le sujet met en circulation un dispositif modal sensibilisé, avec des effets de ‘contagion’ que l’on sait [...]” (Greimas e Fontanille, 1991, p. 245 apud Harkot-de-La-Taille, 1999, p. 171).

¹⁸ “Mas as diferentes partes foram tratadas muito diferentemente: o grande capítulo “Epistemologia e metodologia das paixões” foi objeto de vários “vaivéns” entre Greimas e eu, foi muito longamente discutido e mesmo disputado; eu o reescrevi inteiramente várias vezes; o capítulo sobre a avareza colocou menos problemas, e eu me contentei de redigi-lo a partir das notas de Greimas, e de acrescentar minhas próprias considerações, que ele aceitou; o capítulo sobre os ciúmes foi inteiramente concebido e redigido por mim, e Greimas fez poucas observações. Eu finalmente consegui que ele mesmo redigisse uma dezena de páginas de introdução, e igual número na conclusão” (Fontanille in Portela, 2006, p. 168, tradução nossa) [Trecho original: “Mais les différentes parties ont été traitées très différemment: le gros chapitre ‘Epistémologie et méthodologie des passions’ a fait l’objet de plusieurs ‘navettes’ entre Greimas et moi, a été très longuement discuté et même disputé ; je l’ai réécrit entièrement plusieurs fois; le chapitre sur l’avarice a posé moins de problèmes, et je me suis contenté de le rédiger à partir des notes de Greimas, et d’ajouter mes propres considérations, qu’il a acceptées; le chapitre sur la jalousie a été entièrement conçu et rédigé par moi, et Greimas a fait peu de remarques. J’ai enfin obtenu qu’il rédige lui-même une dizaine de pages d’introduction, et autant en conclusion”.]

Considerações finais

Mesmo que a autora tenha feito seu doutorado-sanduíche com Eric Landowski, em Paris, nos anos 1993-1994, percebemos que a construção citacional emerge das obras de Fontanille, visto que, conforme exploramos nas seções anteriores, a primeira publicação de Landowski sobre o contágio coincide com a conclusão de doutorado de Harkot-de-La-Taille, em 1996. No entanto, torna-se evidente pelos dados coletados, que a partir do final dos 1980, o tema do contágio estava no clima de opinião da época, entrando em definitivo na semiótica greimasiana e pós-greimasiana, discutido por diferentes pesquisadores, mesmo que não houvesse diálogo explícito entre Fontanille-Landowski sobre este conceito, talvez por desconhecimento da obra deste face àquela. Assim, alguns questionamentos surgem no horizonte: Quem teria influenciado Landowski? O clima de opinião? A semiótica das paixões? Sua supervisionanda Harkot-de-La-Taille? São questionamentos que refletem a construção do saber epistemológico de uma área, em que a dita “recepção” consumidora parece ser, segundo Koerner (1999), muito mais articulada na corrente de progresso-relativo do que apenas uma continuidade, confirmando, por um lado, a criatividade dos estudos semióticos no território brasileiro. Ademais, ambos os casos estudados pela semiótica, a vergonha e o contágio, são relevantes para os estudos atuais sobre práticas sociais, no que tange ao fenômeno da vergonha alheia e suas possíveis relações com o contágio das notícias de *Fake News*, por exemplo.

Por fim, acreditamos que as incorporações citacionais nos textos e a reivindicação de influências sobre um autor em relação ao outro tratam justamente da questão de autoria (Moreira; Santos; Portela, no prelo). Nesse caso de recepção teórica, temos em jogo duas questões precisas e essenciais, a identidade vs. alteridade, na compreensão histórica da produção e disseminação do saber científico. Neste breve texto, buscamos explorar, inicialmente, a questão da introdução do contágio na semiótica greimasiana e pós-greimasiana, da França ao Brasil, mas sem intuito algum de esgotar o assunto que se abriu para outras questões que precisam ser exploradas ainda, sobretudo no que diz respeito à recepção teórica e à visão que temos dos grupos de especialidades. ●

Referências

AKSNES, Dag; LANGFELDT, Liv; WOUTERS, Paul. Citations, Citation Indicators, and Research Quality: an overview of basic concepts and Theories. *SAGE Open*, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2158244019829575>. Acesso em 30 abr. 2019.

- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- ALTMAN, Cristina. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, n. 1. 2009. p. 115-136.
- AUROUX, Sylvain. *A questão da origem das línguas, seguido de A Historicidade das Ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas: Editora RG, 2008.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 1. Belo Horizonte, 2012. p. 149-186.
- BATISTA, Ronaldo Oliveira de. *Introdução à historiografia linguística*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2015.
- FLOCH Jean-Marie. *Identités visuelles*. Paris: PUF, 1995.
- FONTANILLE, Jacques. Les passions de l'asthme. *Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 6. 1989.
- GREIMAS, Algirdas, Julien. *Sémantique Structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- HUSSERL, Edmund. *Méditations cartésiennes*. Paris, Vrin, 1966.
- KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista ANPOLL*, vol. 2. 1996. p. 45-70.
- KOERNER, Konrad. *Linguistic historiography: Projects and prospects*. Ottawa: John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia, 1999.
- KOERNER, Konrad. O problema da 'influência' em historiografia linguística. In: KEMMLER, R; ALTMAN, C. (org.). *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1 ed. Vila real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014a. p. 91-102.
- KOERNER, Konrad. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1 ed. Vila Real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014b.
- LANDOWSKI, Eric. Viagem às nascentes do sentido. In: SILVA, Ignácio Assis (org.). *Corpo e sentido: a escuta do sensível*. São Paulo: Unesp, 1996.
- LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom*. Essais de sócio-sémiotique III. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

- LANDOWSKI, Eric. Les interactions risquées. *Les Nouveaux Actes Sémiotiques*, 2006.
- LANDOWSKI, E. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. *Galáxia (online)*, n. 27. São Paulo: PUC-SP, 2014. p. 10-20.
- LE PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2007.
- LEYDESDORFF, Loet. Theories of Citation?. *Scientometrics*, v. 43, n. 1. 1998. p. 5-25.
Disponível em: <https://www.leydesdorff.net/citation/>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- MOREIRA, Patricia Verónica. *A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). 285p. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara. 2019. Disponível em:
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190841/moreira_pv_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 15 nov. 2019.
- MOREIRA, Patricia Verónica; SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. A citação em textos científicos: uma análise semio-historiográfica do argumento de influência. *Revista Estudos Linguísticos*. (no prelo).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Ática, 1999.
- MURRAY, Stephen O. *Theory Groups and the Study of Language in North America: A Social History*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1994.
- MURRAY, Stephen. O. *American sociolinguistics: theorist and theory groups*. Amsteram & Philadelphia: John Beanjamins, 1998.
- PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *Estudos Semióticos* [online], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo: USP, 2018. p. 138-143. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144317/138716>. Acesso em 02 abr. 2018.
- PORTELA, Jean Cristtus. Conversations avec Jacques Fontanille. *Alfa. Revista de Linguística*, vol. 1, n. 50. São Paulo, 2006. p. 159-186. Disponível em:
<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/sumario.php?livro=3>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- PORTELA, Jean Cristtus. Metalinguagem semiótica: empréstimos e redefinições. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.10, n.2. Araraquara, SP: UNESP, 2012.
- ROMANCINI, Richard. O que é uma citação? A análise de citações na ciência. *Intexto*, vol. 2, n. 23. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 20-35. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/15885/10508>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SANTOS, Flavia Karla Ribeiro. *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. 347p. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192989/santos_fkr_dr_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 30 jun. 2020.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*, n. 1, 2009. p. 67-76.

SWIGGERS, Pierre. A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44/45, 2013. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/wp/?p=1171>. Acesso em: 8 abr. 2016.

SWIGGERS, Pierre. Directions for linguistic historiography. *Cadernos de Historiografia Lingüística do CEDOCH*. VII MiniENAPOL de Historiografia Lingüística. São Paulo: FFLCH/USP, 2015.

The contagion in Brazilian semiotics: an issue of semio-historiography

 MOREIRA, Patricia Veronica

 PORTELA, Jean Cristtus

Abstract: In this work, we seek to understand the concept of “sensitive”, more specifically the issue of contagion, in semiotics, through the semi-historiographical approach (Santos, 2020), contextualizing, at first, its emergence. Then, in the studies of French and Brazilian semioticians, recovered through groups of semiotics specialties – institutionalized in different universities in the international and Brazilian territories –, according to Murray’s (1994, 1998) and Moreira’s (2019) theories. These groups of specialties understood in the periods we call Greimasian and post-Greimasian are the reception of French semiotic theory from the founding discourse found in the works of A. J. Greimas and its continuity with his collaborators, especially in the works of Fontanille, Landowski, and Zilberberg. Allying the semiotic-historiographic principles defined by Portela (2018), Koerner (1996, 2014), Swiggers (2009, 2015), Moreira (2019), Santos (2020), and Auroux (2008) with the concept of “sensitive” in their conceptual network, we investigated in the Brazilian reception, to what extent contagion appears in the rhetoric and/or in the immanence of the analyzed works. Finally, departing from these first reflections, we were able to provisionally define the historical-epistemological place that the sensitive (contagion) occupies in Brazilian semiotics, to explore not only the theoretical and methodological continuities but also the existing ruptures.

Keywords: Brazilian semiotics, semio-historiography; sensitive; contagion.

Como citar este artigo

MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. O contágio na semiótica brasileira: uma questão semio-histógráica. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. Dossiê especial: GT de Semiótica da ANPOLL “Semiótica e vida social”. São Paulo, abril de 2021. p. 37-54. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. O contágio na semiótica brasileira: uma questão semio-histógráica. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1. Special issue: Semiotics Workgroup of ANPOLL “Semiotics and social life”. São Paulo, april 2021. p. 37-54. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 03/02/2021.

Data de aprovação do artigo: 15/02/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

